

## Renda dos mais pobres caiu duas vezes mais

Em 2015, a pobreza subiu 19,3% no Brasil, com cerca de 3,6 milhões de novos pobres. Estudo de Marcelo Neri, diretor do FGV Social/CPS, estima que, desde o final de 2014 até o final de 2017, o aumento da pobreza foi de 33%, passando de 8,38% a 11,18% da população brasileira.

“Por que piorou?”, questiona Neri. A resposta, tanto para queda da renda média como para o aumento da desigualdade e consequentemente da pobreza, foi o aumento do desemprego. Este foi o principal responsável pela queda de poder de compra das famílias brasileiras, representando uma queda de 1,9% na renda.

O estudo de Neri sustenta que a desigualdade relevante em termos de pobreza explodiu. “Basta dizer que, enquanto a média de renda caiu 7%, a renda dos 5% mais pobres caiu 14%”, ou seja, o dobro. Isto foi resultado direto do congelamento nominal do Bolsa Família em 2015,

quando as taxas de inflação e de desemprego atingiram os 2 dígitos.

O salário mínimo, que indexa a maior parte dos gastos sociais e previdenciários brasileiros, teve ganho real em 2015, mas mesmo assim a renda per capita dos grupos mais diretamente por ele afetados caiu, embora menos que para os mais pobres: 3,8%.

A projeção da proporção de pobres no Brasil, feita por Marcelo Neri a partir dos dados do Pnad de 2015, aponta uma taxa de 11,18% em 2017. Este percentual, apesar do aumento, é mesmo assim 60% inferior à taxa de pobreza herdada pelo primeiro governo de Lula, quando era de 28,16%.

Marcelo Neri calcula que, em termos de multiplicadores de gastos públicos, cada real gasto com Bolsa Família dispara um multiplicador três vezes maior que o dos gastos previdenciários; cinco vezes maior que os do FGTS – “usado em 2017 como ferramenta anticíclica” – e 1,68 mais que o abono salarial do PIS-Pasep – “usado em meados de 2018 junto com a recomposição do valor real do benefício do Bolsa Família”.